ctt
Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio Editorial
Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.

Autorização DE213020220SB2B/jan

O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

21 de Maio de 2022 • Ano LXXIX • N.º 2040
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Vozes

UM dos nossos, vindo de país africano, encontrou preciosa ajuda nos nossos serviços hospitalares para os seus males. Aliás, Portugal tem sido neste campo, a salvação para muitos outros, naturais e provenientes dos PALOP. São vários, falando só dos que acompanhamos, a quem os serviços de saúde portugueses resolveram situações muito complicadas de saúde, resultantes de malformações ou acidentes. Sem esta ajuda teriam, muitas vezes, uma vida extremamente penosa, totalmente dependente e, provavelmente, vegetativa. Saudamos, por isso, com alegria, este verdadeiro exercício da vocação dos profissionais de saúde na defesa e promoção da vida humana.

Mas sabemos também que há quem inverta esse serviço para o bem em actividades maléficas interesseiras ou simplistas na resolução de problemas. Atentar contra a vida humana nunca deveria ter qualquer justificação ou cobertura legítima, nem em casos de interesses materiais ou ideológicos nem nos casos em que é invocada para solucionar problemas de difícil resolução. Neste último caso, a própria Organização Mundial de Saúde se manifestou pelo seu Director-Geral, para que o aborto seja promovido para evitar problemas de saúde para as mulheres que não desejam os seus filhos. Disse: «As mulheres devem ter sempre o direito de escolha quando se trata de seus corpos e sua saúde». Mas, a criança no seio de sua mãe é um membro do seu corpo?

Escola de Formação Profissional, em construção, da Casa do Gaiato de Malanje

O sentido natural da vida humana só pode ser o de a preservar e de a melhorar. Este mesmo pensamento se estende a toda a natureza. Um número enorme de vidas dá-se por esta causa. Como não podia ser de outra forma, o sentido em que a vida se orienta em todo o serviço cristão, só pode ser aquele que Cristo apontou com a sua vida: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância». Este é o caminho a seguir.

A condição humana terá de voltar a ser pensada na sua génese mais primária: O ser humano, seja qual for o seu estado de desenvolvimento físico ou cultural ou qualquer outro idiossincrático, é uma coisa ou um ser que transcende a matéria?! Torna-se claro que a vida só se pode retirar sem escrúpulos às coisas nem como consequência do ódio que desfigura o ser humano. Pela guerra o inimigo é um alvo a abater, sem direito a viver porque ocupa o espaço que o agressor tem como seu.

A opção pela vida é uma opção de radicalidade e, muitas vezes, dolorosa. Assim foi por Jesus Cristo e assim é pelos que O seguem. Não é pelos caminhos da facilidade dos canhões e dos milhões, que nos nossos dias se perseguem, que se construirá um mundo melhor. Ambos levam à morte e à degradação, em pequenos ou grandes passos de decadência.

Vozes com vida continuam abafadas, sem conseguirem fazer-se ouvir, em desproveito de todo o ser humano.

Padre Júlio

BENGUELA – VINDE VER!

Sementeiras

A natureza é mãe e ensina que os tempos mudam e com eles os mais variados modos de produção. Quem vive numa quinta com campos semeados e gado, sabe quando e como orientar o seu estilo de lidar com harmonia, paz e prosperidade, com as várias fases do ano.

Por estas paragens da África a sul do Saara, o calor se faz sentir de forma imperiosa não dando tréguas a outras estações de maneira equilibrada. Nos doze meses do ano civil, só durante três meses é que surge a alternância do clima. Nesta altura do ano aproxima-se a estação mais seca e relativamente fria. As culturas também alternando, dão lugar às hortícolas.

Neste momento, em nossa Casa do Gaiato começámos a planificação dos trabalhos para esta fase do ano tendo em conta as condições de breve transição das condições climatéricas. A experiência nos ensina que quando as pessoas estão preparadas para assumir um novo desafio, então é mais fácil acontecer a prosperidade.

Recebemos da família de Portugal, muitas sementes e chegaram mesmo a tempo. Começámos a preparar os campos. O «Venâncio» leva no tractor a charrua e depois a grade, e fica numa manhã a terra lisinha, pronta para acolher e embalar as sementes para o sono da vida nova, espigadas.

O grupo de rapazes está preparado para lançar mãos à terra. Semear, cuidar, recolher e voltar a confiar na próxima colheita. Já estão feitos alguns dos viveiros na zona da vacaria. Cebola, tomate, beterraba, abóbora, couves e. para o gado, um hectare de luzerna. A batata doce já foi lançada à terra, e aguardamos pela semente da batata rena. O ano passado não cultivámos. Eram muito caras as sementes. Esperamos conseguir alguma para colher, pensando ser parte importante para a refeição dos rapazes, sobretudo conservá-la até ao Natal.

Continuamos com o problema da rega. Sendo uma zona do litoral sul, as chuvas são escassas e os ventos na estação seca são destruidores de plantações, o sol é ardente e queima se não houver condições de irrigação. Aguardamos com muita confiança por um sistema bem melhor para fazer chegar a água às plantações. Um pivô, e as respectivas condutas. E motores para puxar a água que fica a quinze metros da superfície.

Na escola dos rapazes também houve alternância de um trimestre para o outro. O ano lectivo encaminha-se para a sua fase conclusiva. As sementeiras foram feitas e acolhidas pela inteligência dos nossos rapazes, veremos o cuidado para não caírem na linha do esquecimento, augurando por uma grandiosa colheita de bons resultados escolares. A sala de corte e costura também tem boas sementeiras, os alunos já sabem fazer boas costuras. As máscaras que levamos na face são feitas em Casa por eles, cortinas e trajes africanos também é parte da sementeira bem-feita pela professora «Alice», que dirige os

Continua na página 4

MALANJE

O tempo das chuvas despediu-se e até Outubro não regressarão, seguramente. Muitos agricultores ocuparam-se em retirar as ervas daninhas da mandioca e a procurar as ribeiras e os rios para plantarem um pouco de hortaliças. Nós, graças ao *Património dos Pobres,* temos um sistema de regadio, que inicialmente era para dez hectares, mas só pudemos montar metade do sistema por falta de tubo de duas polegadas. De qualquer modo, é uma grande ajuda e já começámos com os viveiros.

Continuamos a regularizar a situação dos trabalhadores; já fizemos o seguro de acidentes de trabalho, comprámos os equipamentos de protecção para algumas oficinas, como carpintaria e serralharia, e praticamente temos regularizadas as contas com a Segurança Social. Ainda temos situações por resolver, mas a maior delas é fazer rentabilizar as áreas de produção. Sem a colaboração dos trabalhadores, será impossível. Agradecemos às pessoas que, com os seus donativos, nos estão ajudando a superar esta situação.

O valor do euro está caindo em Angola, uma boa notícia para o País, pois isso significa que o custo dos produtos importados vai baixar. No nosso caso, seremos um pouco prejudicados porque os valores que recebemos de Portugal no câmbio darão muito menos. Mas como se diz «para uns ganharem, outros têm de perder»; mas eu gosto mais daquele dizer de Pai Américo: «para que os Pobres sejam menos pobres, os ricos têm de ser menos ricos.»

Pelos noticiários soubemos que a greve dos médicos foi suspensa porque estava a haver um número de mortes muito elevado nos hospitais. Para os que perderam um ente querido, como em nosso caso o nosso «Bolotas», durante o tempo da greve, é demasiado tarde. De tudo isto, o mais lamentável é o pouco valor que se dá à vida de um ser humano e à sua saúde. Há uma semana, levámos um rapaz ao hospital com fortes dores no estômago, só havia um médico, e deram-lhe um medicamento e, quando este terminou, disseram-nos que teríamos de esperar que o médico acordasse para nos poderem dar uma resposta. Alimentação, Saúde e Educação nunca nenhum governante deveria deixar da mão estes três pilares.

As salas de formação profissional estão um pouco atrasadas. Esperamos este mês colocar a cobertura e no próximo começar a colocar o equipamento dos interiores. Tristemente neste ano escolar tivemos muitos problemas com a direcção da escola e tivemos de pedir à Direcção de Educação que substituísse o director. Ontem, tivemos a visita da Inspecção da escola primária e a verda-

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

ARRANJOS — Continua a ser arranjada a entrada antiga da nossa Casa do Gaiato, cujas iniciais estão no portão — CG. Assim, foi consertada a ramada, colocando materiais preparados em serralharia: novos pilares e bancas, mais os arames. Depois, foi pintada essa estrutura (em verde escuro). A seguir, como a parede onde está o símbolo da nossa Obra da Rua tem fissuras, foi mantida com correcções para segurar a terra do socalco, deslocou-se uma caixa e então levantou-se uma nova parede na frente. Esta obra tem exigido os seus cuidados, por causa do painel de azulejos (da Cerâmica Lusitânia). É bom notar que temos de arranjar o que os nossos antepassados fizeram a muito custo e é de conservar.

AGROPECUÁRIA — Na primeira quinzena de Maio, veio naturalmente o calor primaveril. Pelos montes, campos e jardins deste vale Dueça com a serra da Lousã à vista, nesta estação linda, encontram-se inúmeras flores silvestres (mais em amarelo) e das plantas cultivadas, em paisagens de beleza; e a passarada anda radiante, a chilrear por todo o lado. A cultura da aveia tem crescido nos vários terrenos da nossa Quinta, em cima e na baixa, mesmo com pouca chuva. Temos continuado a apanhar boas alfaces da estufa para as saladas e estão bonitas as que foram plantadas em talhões fora. Deu o arejo nas ramas das cebolas mais pequenas e também nas outras maiores, prontas a apanhar. Nos vários talhões de batateiras, como entretanto saíram da terra as folhas novas, foram sachadas e tratadas contra o míldio. Foram plantadas várias hortícolas, na nossa horta, cujos pés comprámos em tabuleiros: couves — lombarda e mariota, curgetes, melancias, melões, meloas, pepinos, pimentos e tomateiros. Estas plantações foram regadas. Continuamos a comer morangos, ao almoço de Domingo. Temos comido também laranjas, da velha laranjeira junto à fonte; e ainda nêsperas. O pomar das fruteiras foi fresado, fizeram-se caldeiras e as árvores foram regadas. Foram tratadas as videiras das latadas e as vides novas estão bonitas. Foi-se ao nossos montes buscar mato para os currais das ovelhas. O cordeirito mais novo foi mudado com a ovelha-mãe para junto do rebanho, no redil. As espigas de milho-grão, no nosso celeiro, precisam de ser descaroladas com a alfaia própria, pois é necessário moer grãos para a alimentação do gado.

PARTILHAS e CONTACTOS — Vai havendo amigos e amigas fiéis que se lembram desta Família, ajudando no seu sustento, pelo que agradecemos muito as vossas partilhas, pois sem esses donativos seria muito difícil ter as contas pagas. Na nossa campanha de novos leitores d´*O GAIATO*, esperamos falar dele nas igrejas, quando for possível, pois há tendência para o digital. Contactos e outros dados: Obra da Rua — Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; IBAN — PT 50 0035 0468 00005577330 18; Número de identificação fiscal — 500 788 898; telefone. — 239 532 125; correio electrónico — gaiatomiranda@gmail.com

CENTENÁRIOS DE JORNAIS: *CORREIO DE COIMBRA E A VOZ DA FÁTIMA* — Com o mundo digital em que vivemos, é difícil haver jornais em papel a serem publicados, pois os seus custos são elevados. Na comunicação social da Igreja Católica em Portugal, entre outros jornais, são de salientar este ano os seguintes: o jornal semanal *Correio de Coimbra,* da Diocese de Coimbra, teve o seu primeiro número em 18 de Março de 1922 e nele colaborou Padre Américo [1932-1943]; e o jornal mensal *A Voz da Fátima*, do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, saiu pela primeira vez em 13 de Outubro de 1922 e tem a sua colecção digitalizada. São jornais respeitáveis, de inspiração cristã e referência. Por isso, comemoraram muito justamente os seus centenários com colóquios festivos, respectivamente: a 18 de Março, na Biblioteca do Seminário Maior de Coimbra; e a 28 de Abril, no Centro Pastoral Paulo VI, em Fátima. O nosso Padre Manuel teve oportunidade de estar presente nestes eventos. Felicitamos muito vivamente estes jornais amigos com um século de história e desejamos longa vida, ao serviço da Igreja e do mundo, esperando a paz!

Rapazes de Miranda

PAÇO DE SOUSA

VACARIA — Na nossa vacaria nasceram mais dois vitelos de raça limousine, um no dia de Páscoa e outro uns dias depois. Estão os dois fortes e brincalhões. Eles já gostam de comer ervas fresquinhas que têm ali bem perto dos parques. Também das nossas vacas leiteiras, de raça frísia, estamos à espera que nasçam os seus filhotes. O «Meno» e o «Guga» são os tratadores do nosso gado bovino. Os animais têm-se alimentado de silagem e palha dos nossos campos e ração que temos de comprar. Esperamos que se desenvolvam bem.

AVENIDA — O Paulo «Mudo» andou a rapar as ervas daninhas das bermas da nossa avenida, que já estavam a precisar de serem rapadas. Dois rapazes varreram tudo o que ele rapou. Depois outros dois rapazes encarregaram-se de apanhar os montes. Assim a nossa avenida ficou limpinha e bem arranjada.

MURO — Uma parte do muro dos campos novos, com a chuva que caiu, ruiu. Agora está a ser reparado, ficando seguro para mais uns anos. Este muro é muito antigo, era a cerca da quinta dos frades. É um muro feito de pedras de granito retirado das pedreiras das redondezas.

LIVRO — O nosso Amigo Dr. João Alves Dias, lançou um novo livro e convidou-nos a estarmos presentes na apresentação. Quis oferecer a receita da venda dos livros à nossa Casa, pela grande amizade que tem pela nossa Obra e por Pai Américo. No livro que tem o título «Para além das margens», fala também de Pai Américo e da nossa Obra. O livro contém os seus textos publicados no jornal «Voz Portucalense», da diocese do Porto. Agradecemos a sua amizade e partilha e desejamos bom êxito para este seu novo livro.

CAMPO — Depois do «Meno» ter cortado as ervas dos nossos campos e de terem estado a secar, veio um senhor com uma máquina de enfardar a palha, tendo-a juntado em rolos. O «Meno» transportou-os para a vacaria, e mais tarde serão servidos ao nosso gado. Agora irão ser preparados os campos para a sementeira do milho.

Fausto Casimiro

Página da OBRA DA RUA na *internet*

Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
  - — Edição digital
  - — Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. ❑

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

TUNA MUSICAL — Comemoração do 25 de Abril em Paço de Sousa — Aliviadas as regras profiláticas pelo Governo e mais liberdade para a realização de eventos em público, demos inicio às actuações da nossa Tuna Musical para o ano corrente, iniciando pela comemoração do Dia da Liberdade em Portugal. O sentido de Liberdade e de Fraternidade no dia da "Revolução dos Cravos" que conduziu Portugal à Democracia, decorreu com a normalidade expectante, no espaço em beleza natural do Largo Gamuz, junto ao histórico Mosteiro. Gargantas do Povo afinadas a cantar a "Grândola" do Zeca e todo o acompanhamento musical da Tuna alegraram uma tarde bem passada. No final um apetecível convívio gastronómico de partilha "traz do teu e come de todos". Destaca-se a presença do Sr. Presidente da J.F. de Paço de Sousa, Adelino de Sousa e família, bem como da parte Gaiata o nosso Manuel Pinto, mulher e filha Luísa. A todos que estiveram presentes para nos escutarem e conviverem com Fraternidade à Gaiato, agradecemos do coração todo o carinho e apoio. Entretanto e no final da actuação, recebemos o convite do Sr. Presidente Adelino, para actuarmos na Festa do Egas, que será organizada uma vez mais e após interregno por via da pandemia covid-19, pela Junta de Freguesia e na qual todos devemos participar e conviver localmente. Num futuro próximo deixaremos aqui mais registos deste e doutros eventos que se forem realizando e estejamos presentes.

VOLUME II — *Esses caminhos que andamos* / 2022 — Foi deferido o nosso pedido de registo de "Obra cultural" através do IGAC com nº 1074/22. Tal como havíamos prometido em 2018, aquando do lançamento do vol. I, este projeto de escrita que faz parte do «Triptico Cultural» da nossa Associação, a par da Música e da Pintura em tela, avançou e vamos entregar o trabalho à Tipografia da Casa do Gaiato. Posteriormente iremos, se Deus quiser, efectuar o lançamento deste VOL. II na Festa do Dia de Pai Américo 2022, que este ano e salvo alguma contrariedade se realizará no Domingo de 17 de Julho, na aldeia do Gaiato em Paço de Sousa. Iniciamos em 2018 com o primeiro livro, digamos que uma experiência que se quer, sempre que possível repetir. É esse o crescimento e enriquecimento cultural que os Associados podem e devem usufruir nas atividades Audiovisuais que a Associação proporciona a todos que desejam ver o seu trabalho partilhado pela Família Gaiata e publicado no grande mundo literário. O lançamento deste livro que se intitula novamente "Esses caminhos que andamos" é a segunda oportunidade em termos de escrita para os que não foram inseridos no 1º volume. Conforme atempadamente divulgado, o "Prefácio" é de Padre Telmo Ferraz. Está este livro dividido em três partes: Parte I — Testemunhos narrativos "Retalhos das nossas Vidas" que nos chegaram de alguns Antigos Gaiatos, que descrevem em síntese, partes das suas vidas desde a sua estadia na Casa do Gaiato em Paço de Sousa, e a sua posterior integração na sociedade até aos dias de hoje, inclusive. Foram eles: Abel Magalhães, Manuel Pinto, Américo Pereira, Joaquim Vieira, José Ferreira, João Evangelista, Jorge Couto, Adriano Balduíno, Mário Póvoa, António Tinoco, Ludgero Mendes, David Domingos, José Manuel Rodrigues, José A. Ponte, Ferreira Lopes. A estes, juntam-se os testemunhos dos ex-Padres da Obra da Rua, Padre Abel e Padre Moura. Parte II — Poemas com Inquietude de Gaiato/Elísio Humberto. Parte III — Ecos da receptividade do vol. I por cá e além-fronteiras: Testemunhos de Padre Telmo Ferraz, Elísio Humberto e Jesus Acosta. A capa é imagem da "Casa-Mãe" de uma tela da autoria do José Ponte. Teve revisão ortográfica da Docente Sónia Moreira. Juntam-se diversas fotos que nos enviaram, representativas de várias décadas de Gaiato.

«O livro é o milagre da tecnologia interna» —Umberto Eco.

E com este pensamento na célebre frase, é nosso desejo continuarmos posteriormente com futuras edições que sejam do agrado de todos e nos orgulhemos, Associação e Antigos Gaiatos, da nossa contribuição cultural e que deixaremos registada em livros, para sempre!

NOTA FINAL — o CD/álbum musical da nossa Tuna já é uma realidade, pelo qual vos daremos mais pormenores na próxima quinzena.

Elísio Humberto

PÃO DE VIDA

Da Sopa dos Pobres

ANTES de continuarmos com mais notícias dos primórdios da *Sopa dos Pobres* em Coimbra, nesta questão da assistência alimentar aos pobres, são de mencionar as chamadas *Cozinhas Económicas*, que foram uma iniciativa social de distribuição de refeições para pobres que remonta a 1893 em Lisboa e na qual se empenhou D. Maria Luísa de Sousa Holstein [1841†1909], Duquesa de Palmela, escultora e empreendedora de obras sociais, com mãos hábeis de artista e que «*não se dedignava de tomar ela própria a sua parte no serviço das mesas a que se sentavam os humildes filhos do povo*» [Arcebispo de Évora — Augusto [Eduardo Nunes] — *A Mãe dos Pobres: Oração funebre.* Lx.ª, 1910, p.24]. A sua máxima seria: «*O supérfluo dos ricos é património dos pobres*» [Santo Agostinho]. As suas origens devem-se «às conhecidas Sopa dos Pobres, que durante séculos garantiram o fornecimento de refeições aos mais pobres por toda a Europa [Ricardo Cordeiro – *Filantropia: As Cozinhas económicas de Lisboa (1893-1911).* Lx.ª: ISCTE, 2012, p. 34]. A propósito, junto ao antigo mosteiro beneditino de Paço de Sousa, no terreiro de Gamuz, uma entrada da Casa do Gaiato [desde 1943] é conhecida como *porta do caldo*, servido aos pobres.

Depois do despoletar da grande crise mundial em 1929, nesse contexto económico-social, surgiu a Encíclica *Quadragesimo Anno,* do Papa Pio XI [15-V-1931], comemorando 40 anos da *Rerum Novarum*, na qual foi denunciada «*ingentum complectens opificum multitudinem, calamitosa egestate pressa* — uma multidão imensa de operários, a gemer na mais calamitosa miséria» [*Acta Apostolica Sedis*, Romae, vol. XXIII, 1931, p.178].

Nessa época, em Portugal aumentou o desemprego nas zonas rurais, levando a que muitos desempregados se fossem dirigindo para as periferias das cidades, sobretudo a cintura industrial de Lisboa. Em Agosto de 1929, foi lançada a *Campanha do trigo*, à custa do montado. O Arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos [1876†1955], em missiva de Agosto de 1931 ao Ministro das Finanças, Oliveira Salazar, escreveu assim: depois das colheitas «*não tardará que pelos campos e pelas povoações comecem a vaguear às dezenas e às centenas trabalhadores desempregados a pedirem esmola, visto não terem trabalho para ganharem o pão de cada dia*» [AN Torre do Tombo — AOS, PC — 11, cx.560, cap.4, fl.45].

Desde o início de 1932, na diocese conimbricense, o jornal *Correio de Coimbra* foi dando notícias do serviço da *Sopa dos Pobres* e das ajudas recebidas para minorar carências crescentes de famintos, conforme se verifica [mantendo a grafia]:

«*Sopa dos pobrezinhos*

No Patronato, Rua da Matematica — 49

Começou a distribuição no dia 1 de Janeiro.

Em todos os dias do mês foram socorridas 21 famílias, mas algumas receberam mais do que uma sopa diária.

Para esta Sopa concorreram com os seus donativos os bemfeitores seguintes:
Senhor Bispo Conde ..... 350$00
D. Amélia Medeiros ..... 100$00
P.e Dr. Joaquim Mendes.. 100$00

Sr. Matos Cabo duas dúzias de pão.

É necessário aumentar o numero das famílias socorridas.

Católicos e não católicos de Coimbra, especialmente da parte Alta da cidade, vinde em auxílio dos pobrezinhos. No Patronato recebem-se para esta Sopa quaisquer donativos em dinheiro e em géneros.» [Correio de Coimbra, N.º 504, 6 Fev. 1932, p. 4]

No final do mês de Fevereiro desse ano, neste assunto, encontra-se outro artigo [não assinado], intitulado:

«*Pobresinhos*

Cada dia aumenta em volta de nós o triste e confrangedor espectáculo da desgraça que traz a tanto lar a fome, e a doença.

Sobretudo faz pena e comove a sorte daqueles que já tiveram e hoje não teem.

Destes há-os por aí às dezenas, às centenas. E quantos caídos da sua mediana sem culpa?

Sim, estes são os grandes pobres, com direito de justiça ao nosso auxílio.

Que todos aqueles que gosam uma situação material vantajosa ou mesmo remediada pensem, por um momento sequer que seja, numa coisa que bem pode suceder: àmanhã, *por fortuito infortúnio, serem despojados de tudo e, no dia seguinte, num pobre casebre, chegar a hora do almoço, de jantar, da ceia, e, na mesa pobrezinha, a escudela tristemente vasia!...*

Pois é esta a dura realidade talvez bem perto de nós.

E para coroa de desdita se o braço ainda forte dum pai ou, quando muitas vezes já falta, o esforço amoroso de mãe tentam procurar pelo trabalho, com honra, o sustento material a que teem jus, o trabalho escasseia, o trabalho falta!

Talvez vós, queridos leitores, não conheçais nenhum destes casos, mas conhece-os a Caridade. Conhecem-nos aqueles que vivem com os pobres e para os pobres.

Por hoje queremos apenas chamar a atenção para uma Obra de que já este jornal tem falado: a Sopa dos Pobres *que funciona no Patronato da R. da Matemática e que se deve à piedade do nosso grande Prelado.*

É preciso que esta Obra se desenvolva.

Em vez de 20 ou 30 sejam 50 ou 100 os socorridos.

Para isso não há de ser encargo de um só.

No mês de janeiro registaram-se já alguns donativos. Bem hajam os generosos benfeitores.

Mas não basta. Urge que todos se interessem e que, com pouco ou muito, se inscrevam como subscritores mensais.

Assegurar-se-hia assim, a uma obra tão altamente simpática uma acção larga.

Que os generosos corações dos habitantes da parte alta de Coimbra, especialmente os católicos, não deixem de ouvir o apelo que a fica.

Desde já se poderão dirigir à Ex.ma Directora do Patronato – Rua da Matemática, 49.» [*Correio de Coimbra,* N.º 507, 27 Fev. 1932, p.1].

Depois, as notas semanais *Sopa dos Pobres* passaram a manifestar claramente a marca inconfundível da escrita de Padre Américo, cuja pena foi narrando situações aflitivas de miséria e doenças, para as quais pedia ajudas concretas, como *Recoveiro dos pobres*, que visitava nos seus tugúrios, com licença do seu Bispo de Coimbra.

Padre Manuel Mendes

BEIRE – *Flash's*

Porque «hoje é *Dia da Mãe*»

1 — Abrimos as portas à Comunidade... Sabemo-lo todos: ser-se "humano" é ser-se "significador". Isto é, trazemos bem dentro de nós o poder de "dar significado" às coisas. Que sempre acontecem. Dentro e/ou fora de nós. Porque também somos "seres de ***trans***(a)cendência". Nascidos para ***trans***itar — fazer caminho, *ite(r)*nerar, *sin*+odalizar, sair para além do próprio umbigo... A descobrir rumos que nos levem até a'***o melhor*** de nós. E dos outros. Que também *são parte integrante* de nós...

Vem isto a propósito d'*O Dia da Mãe*, em nossa Eucaristia. Foi anunciada a abertura à comunidade que nos rodeia. O nosso estar é de *porta aberta*. A *pandemonia* obrigou-nos a fecharmos as portas. Todos compreenderam. Mas agora pedem para tornarmos a abrir...

Muitos ainda se lembram bem de que antes não havia o *Dia da Mãe.* Ninguém lhe dera ainda *um significado* que... Depois, por iniciativa da Igreja, foi o 8 de Dezembro — N.ª S.ª da Conceição. Apareceu o perigo de desvio da atenção devida a N.ª Senhora... Passou para o 3.o domingo de Maio — o mês de *Maria, a nossa Mãe do Céu*. Passado tempo, fixou-se no 1º domingo de Maio. Que este ano coincidiu com *Primeiro de Maio — Dia do Trabalhador*... (Qualquer dia pedem para mudar outra vez o *Dia da Mãe*, porque...).

Certo é que esta palavra *m*ãe mexe com a gente. E com a sociedade — seja o *consumismo* a aproveitar-se disso, seja o *partidarismo* a querer o seu quinhão, seja ***o melhor de nós*** a vir ao de cima. Avisando que, afinal, será *de toda a conveniência* aprendermos *quanto antes* a cuidar bem d'*a mulher eterna* adormecida no mais íntimo de cada ser humano. **ISSO** que, na linguagem de toda a Criação, "confia à mulher o sentimento límpido da vida efémera, o sentimento fundamental da vida eterna". Porque "é à mulher que, na ausência de Deus, compete a custódia da vida". Não já só como mãe biológica mas, sobretudo, como companheira do homem para a ***com***+strução de *um mundo novo*.

Segundo a narrativa do Génesis, é nessa bipolaridade — ela ***com*** o homem (e não com os filhos) — que se cumpre a *imagem e semelhança de Deus.*

2 — ... *Hoje* é *dia da mãe, tu sabes*?!... Eram duas mulheres. Nenhuma delas é mãe biológica. Uma é a nossa doente x — com acentuada deficiência mental. A outra, uma voluntária que, desde há uns tempos, está connosco, a ver e ser vista — na mira de, juntos, podermos discernir se haverá por aí um "Deus quer" que ela fique para se doar por inteiro a esta *Causa de Deus*, nesta *Causa do Homem*. Tem passado muitas noites em vigília aos doentes. Tem ajudado em tudo o que já é capaz e a Casa precisa. Tem sabido tornar-se *família.* A cena foi assim: Era a hora do levantar, primeiros cuidados da manhã e ajudar no banho — se preciso for. Estava a limpar a doente. De repente, um jato de ternura: — *Hoje é Dia da Mãe, tu sabes?*!... — *Sei, então!...* É um dia muito importante.... — *Atão, dá um abraço a mim; tu és minha mãe!...*

Curioso ainda é que esta mesma doente — que agora pede para ser *filha* — anda sempre feita *mãe* a cuidar da Luisinha — *a nossa princesa*, no dizer doce de P.e Telmo. — É a menina, *ké ke tu ké?!*... Sempre por perto, limpa-lhe a baba, ajeita-lhe a roupa, não deixa que ninguém responda mais áspero se *a menina* se porta mal... Enternece o carinho com que a trata e o *olhar de mãe* que sobre ela poisa... Se a deixam, gosta de lhe dar de comer à boca, enfim, uma *mãe legítima*!...

Outro caso é o Riki. Com uma deficiência mental notória, foi criado pela Adelaide — que foi alicerce seguro na história das *mães do C*alvário. Quando as forças lhe faltaram, mas ainda com bastante autonomia, foi para Paço de Sousa. Ensinou o Riki a fazer-se uma pessoa com deficiência, sim, mas capaz de cuidar de si. No edifício do velho *hospital*, Adelaide, Riki e D. Esmeralda, cada um com seu cantinho, tinham lá o seu *quartel general*. Uma *senhora de fora* dava o apoio necessário nas urgências de maior. D. Esmeralda foi *mãe* que deixou rasto na história das *m*ães da Obra, em Paço de Sousa.

O tempo passou. As limitações foram-se acentuando e, agora, a Adelaide é uma das nossas doentinhas. E o Riki veio com ela. Porque é dos nossos.

Sempre sorridente, o Riki gosta de andar por perto da Adelaide. A dar-lhe de comer à boca, a passeá-la na sua cadeirinha de rodas, naquilo que é capaz. Enfim, um verdadeiro *pai/mãe* daquela que o criou.

3 — Cumpre-nos *encarnar* a ternura de Deus... Repasso e somo mais cenas de ternura que, para quem sabe ver, aqui no Calvário, são de todos os dias. Muitas já vo-las relatei. Nalgumas, até fiz parte delas.

Dou comigo a pensar noutros *significados* para o Dia da Mãe — uma oportunidade / desafio a alargarmos os nossos horizontes de ser. Porque todos sabemos bem de homens que, tendo perdido a esposa, assumiram e deram bem conta do recado de serem *pai/mãe*; e/ou de grandes mulheres que, tendo perdido o marido, souberam ser, com muita sabedoria, *mãe/pai. Deus é grande!* gostamos de repetir. E manifesta-se na grandeza do ser humano — um *abba* em processo moroso de urgente maturação...

Um admirador

MALANJE

Continuação da página 1

de é que as conclusões eram verdadeiramente lamentáveis. Esperamos poder organizar tudo isto antes do final do ano lectivo e começar uma nova etapa.

Os problemas não param de chegar à nossa Casa do Gaiato e, ainda mais, numa realidade de instabilidade e precariedade como é esta Angola. A nossa sorte é termos o Padre Américo como nosso intercessor e essa imensa quantidade de amigos da nossa Obra, que não nos deixam cair. Um abraço desde este cantinho de Angola.

Padre Rafael

Gaiato®

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt facebook.com/Casa.do.Gaiato
www.obradarua.pt https://www.obradarua.pt/**estatuto-editorial**/
NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL
Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • **N.º de Registo** 100398 • **Tiragem:** 11650
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

CALVÁRIO

Quem quiser ganhar a Vida tem de perder a vida!
Padre Américo, Pão dos Pobres, vol. 3, p. 218.

O que fazemos aos pobres por amor a Cristo, é o que levamos conosco quando morremos.
Peter Maurin (1877-1949) co-fundador do Movimento Operário Católico

O IV Domingo da Páscoa é ilustrado com a imagem do bom pastor. A pastoral vocacional da Igreja universal associa a essa evocação uma jornada de oração pelas vocações à vida sacerdotal. Por isso não é descabido ler a vida sacerdotal como uma actividade pastoril. Vida simples, obediente, dedicada, atenta às necessidades dos outros. Vida culta e simultaneamente oculta, porque itinerante, não desacomodada e despojada de títulos e propriedades.

No antigo testamento sempre lutaram os pastores e os agricultores: Caim contra Abel, assassinado; os filhos de Jacob contra o seu irmão José, vendido para o Egipto. No novo testamento, apesar de Jesus ter aprendido a arte de carpinteiro, identificou-se com o pastor, com aqueles que, quando veio ao mundo, o visitaram e acolheram em primeiríssimo lugar.

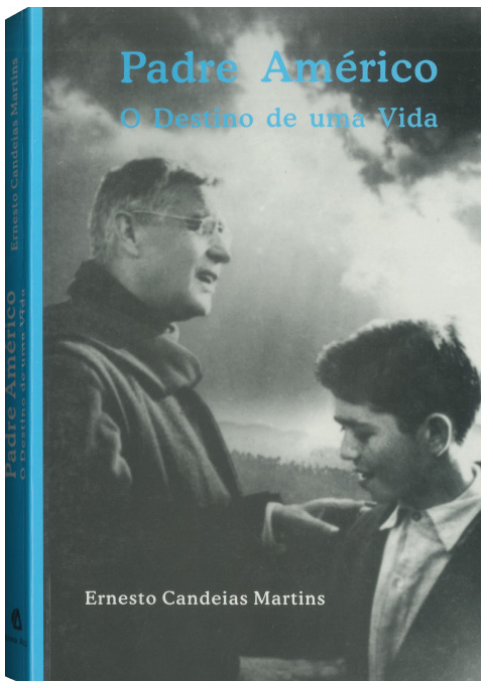
Jesus sabe, como diz John L. Mckenzie (Dicionário Bíblico, Paulus), que no antigo médio oriente o título de pastor era aplicado a reis e a deuses. Jesus recitou o salmo que o seu antepassado David compôs em louvor do Senhor, pastor que lhe dá descanso e alimento, apesar dos seus erros. Por isso, junta à sua opção livre pelos pobres essa nuance de ser aquele que lhes indica um caminho. No evangelho de João afirma-se como a porta por onde hão-de passar todas as ovelhas e todos os cordeiros do seu rebanho (10,7) e, ainda, que dará a vida por todos (10,11). Vida salva, vida abundante. O evangelista conclui que houve divisão entre os que ouviram Jesus (10,19). Que delirava. O que terá pensado Jesus do que pensavam dele? Deve ter chorado!

Jesus é o Messias, o pastor prometido por Deus pela boca de Jeremias (3,15) e de Ezequiel (34,23), desde os tempos conturbados dos séculos em que viveram: eu vos darei pastores segundo o meu coração que farão de todos uma única nação. Alusões ao cisma de Israel e ao exílio. Lições sobre a realidade vivida e não reflectida por quem andava distraído com o poder e sobretudo com a falta dele.

Jesus é o bom pastor, o único e verdadeiro pastor porque se faz alimento, não busca comida longe e que seja perecível. Ele dá-se como alimento, comida verdadeira. É a bondade de Jesus para com cada um de nós. Um pastor que é simultaneamente pasto. O Pastor bom que se converte em Cordeiro manso para ser imolado e entregue.

O presbítero da igreja católica de hoje é um homem que carrega em si esses pesos do passado e do presente. A fidelidade à tradição não impede um compromisso com o presente e, sobretudo, uma visão de futuro. A sugestão de um trabalho pastoril faz caminhar, apesar das resistências e submissões, aqueles que se queiram envolver com projectos de uma nova criação: mais humana, mais natural, mais comprometida com quem perdeu ligações com o real. O presbítero de hoje deve ser capaz de realizar o projeto da *Laudato Si* exposto pelo Papa Francisco. Em comunhão com os outros ordenados, em ligação com todos os baptizados, com grande espírito de serviço a aprendendo a trabalhar em equipa. Só assim será uma pessoa de cultura universal capaz de acolher os feridos e buscar quem esteja fora de todos os círculos de humanização.

Padre José Alfredo



LIVROS

«O Padre Américo aparece-nos como uma reserva de Deus, para realizar no tempo por ele designado uma missão profética. Há nele traços de Jeremias, que retorquiu ao chamamento do Senhor *"eu sou uma criança... não sei dizer senão ah!, ah!, ah!"* — e afinal disse corajosamente, porque sempre contraditado, aquilo que Deus queria que ele dissesse.

Aspirando ao Sacerdócio desde a adolescência, o Américo pareceu ter esquecido a sua opção, perante a vontade imperativa do pai que agora surge claramente como instrumento de Deus. Aos trinta e seis anos, a última "martelada" devolve-o à sua opção primeira. Afinal a de sempre. E se a maturidade adquirida o constitui terreno propício à Sementeira divina, nem por isso o faz julgar-se preparado e senhor de um projecto, cujo desenrolar até ao fim da sua vida, ele iria descobrindo passo a passo, ao sabor da inspiração recebida em cada dia. *«A minha Obra nasceu-me no Altar.»* — Padre Carlos Galamba, do *Prefácio.*

SINAIS

MAIS uma vez, na latada do vinho verde, rosas brancas, vermelhas e amarelas. Parabéns senhora D. Dona! Precisamos, nas nossas vidas de preocupações, beber a beleza das flores. Quase todos os dias passo naquele pequeno troço da estrada, então me inebrio com a beleza da latada.

★

O nosso P.e Alfredo comprou um *redodrendo* e plantou-o num espaço do jardim. Já esplende com seis flores brancas! Também um velho *cacto*, de pontas retorcidas, floriu. Encanto! Seis flores vermelhas — lindas. Estando atentos, todos os dias a Natureza nos encanta.

Deixemos a rua e entremos no pavilhão dos doentes. Na salinha de estar, em suas cadeirinhas, as doentes conversam e riem. A Ir. Laíde brinca com elas e inventa jogos que as distraem e encantam.

Quando os doentes se sentem amados — respondem com carinho amoroso. Foi sempre assim, no nosso Calvário — logo desde o começo, com o nosso P.e Baptista e com os pavilhões cheios de doentes — homens, senhoras e meninos.

Seria a alegria dos doentes que originou a sua "ida"?!... Eles querem regressar à sua *Família.*

As obras, nos pavilhões, estão quase no fim. Os doentes esperam o cumprimento da promessa de voltarem para sua Casa.

Padre Telmo

BENGUELA – VINDE VER!

Continuação da página 1

cursos. Disseram os companheiros do «Bongue», que o mesmo tinha sido expulso logo nas primeiras aulas por indisciplina. Hoje quando andava a dar algumas voltas por aquelas salas, notei que estava lá perto da professora a consertar um ferro de engomar, valendo-se dos seus conhecimentos adquiridos no tempo em que esteve bem-comportado na oficina de electricidade. Vamos a ver se em breve possa regressar ao posto perdido por culpa própria, depois deste tempo de penitência. Qual penitente! Por enquanto tem estado metido em trabalhos do campo. Semeia milho, rega e espera a colheita. No período inverso vai ao Instituto Médio Politécnico, a estudar. A conclusão é de Pai Américo, ***«Aqui em Casa nem todos chegam às suas obrigações pela altura de cada um, mas pela habilidade sim. A necessidade obriga-os a tirar grandes efeitos e eles chegam, de qualquer forma, aonde é preciso chegar.» — Isto é a Casa do Gaiato,*** **2.° vol., p. 234.**

Padre Quim

PATRIMÓNIO DOS POBRES

O Património dos Pobres sendo obra do Padre Américo e destinado primariamente a ajudar as famílias no que respeita à sua habitação abrange muito mais, a vida dos que caíram na pobreza do que somente a habitação.

Quando uma pessoa passa fome, isto é, está a adoecer por causa da fraqueza, não lhe vamos pagar um quarto sequer para dormir, primeiro matamos-lhe a fome e a seguir virá o seu recolhimento.

As necessidades primárias são: dar de comer a quem tem fome, como aprendemos no catecismo. Primeiro a comida e os remédios, a casa vem depois.

Assim o património preocupa-se muito mais, em primeiro lugar com os famintos e doentes, depois as suas casas, barracas ou casas abarracadas.

Com o apelo forte do padre Américo e o seu apoio, os párocos construíram milhares de casas por esse país além. Os mais zelosos, os melhores Bons Pastores fizeram das tripas coração para abrigar com a mínima dignidade as famílias mais carentes das suas paróquias e levantaram-se casinhas airosas, muitas com pequenas hortas, bairros e ruas onde se aconchegaram.

Alguém, ligado ao problema habitacional do País , fez um estudo completo de todas as iniciativas desta área nas dioceses e enviou-me, por e-mail, essa completa investigação.

É um volume grande, trouxe-me notícias felizes e algumas muito tristes!

Informou-me que várias casas foram vendidas.

Se a venda foi feita aos seus habitantes, ainda bem. É sinal de que a morada ajudou a reabilitar a família e cumpriu o objectivo para que foi levantada.

Se foi negociada com outros, por ter vagado ou não haver famílias carentes ao redor, e o seu valor foi dado aos pobres, aceita-se. Agora, se foram vendidas e o dinheiro foi desviado para outros fins, mesmo religiosos são acções impensáveis de quem se diz honesto. Acho isto quase um sacrilégio.

Aquilo que é dos pobres também é sagrado e como tal deve merecer respeito.

Quando o padre Américo sugeriu que as casas do património ficassem sob o patrocínio da Fábrica da Igreja Paroquial como sua propriedade, nunca supôs que alguém entrasse neste *santuário* com olhos profanos e se atrevesse a trocar o seu espaço por obras na igreja paroquial ou até na residência paroquial. Nenhum pároco tem poderes para alienar estes bens sem conhecimento do senhor bispo que é quem superintende nos bens da sua diocese.

A sensibilidade com os pobres tem decaído tanto que até coisas destas acontecem na Igreja e não se tem como um pecado. Os pobres são ignorados e até se houve falar que hoje não existem. É a indiferença! Isso não é comigo! Não quero saber...

Numa paróquia não muito longe, eu visitava quatro famílias que viviam num prédio do património com duas no rés do chão e outras duas no primeiro andar. E todas me diziam: - *O padre só quer que a gente saia daqui*. Isto ouvi eu com os meus ouvidos!

Foi pena aquele ***esquema treze*** que nunca chegou a sair, mas que esteve no coração de alguns bispos do mundo, no pós-Concilio Vaticano II e que o Papa Francisco se tem esforçado para o ressuscitar no seio da Igreja, o qual faz parte do Reino de Deus.

O amor ao pobre é essencial para que a ***Luz de Cristo ilumine a Terra inteira***. Quem despreza o amor ao pobre afasta-se do amor de Deus. Deus é amor. Um amor que o mundo reconhece quando ele se vê em obra e preocupações. Não é aparente, é real.

Há tanta pobreza nas periferias da cidade e aquele mercenário — não pastor — vai trocar o que foi feito para os pobres com dinheiro de uma igreja mais sacrificada e muito mais pobre do que a actual!... Tem casas desabitadas e não procura os pobres que gemem e passam mal para pagar rendas por minúsculas moradas, sem condições e vai modernizar a sua própria moradia e a do Senhor!

Será que o Senhor gosta destes projectos? Estas perguntas não se lhe põem porque ele tem olhos, mas não vê. É capaz de ler o que o Papa escreve, mas não entende.

Não reza ele o cântico de Isaías (Is 61,10 -62,5) muitas manhãs à quarta-feira:

"Exulto de alegria no Senhor,
minha alma rejubila no meu Deus,
que me revestiu com as vestes da salvação
e me envolveu num **manto de justiça** (...)."

Não cega ele também os olhos dos cristãos que sabem da carência terrível de casas e olham para este procedimento!... não ficam cegos?

"Por amor de Sião não Me hei-de calar,
por causa de Jerusalém - [a Igreja do Senhor] não
terei repouso, enquanto a sua justiça não despontar como a aurora
e a sua salvação não resplandecer como facho ardente."

Padre Acílio